

Não há comunismo na Rússia

Emma Goldman

1935

Conteúdo

I.	3
II.	4
III.	4
IV.	6
V.	8

I.

O comunismo está agora na boca de todos. Alguns falam dele com o entusiasmo exagerado de um novo convertido, outros o temem e o condenam como uma ameaça social. Mas eu me arrisco a dizer que nem seus admiradores - a grande maioria deles - nem aqueles que o denunciam têm uma ideia muito clara do que realmente é o comunismo bolchevique.

Em termos gerais, o comunismo é o ideal de igualdade e fraternidade humana. Ele considera a exploração do homem pelo homem como a fonte de toda escravidão e opressão. Ele sustenta que a desigualdade econômica leva à injustiça social e é inimiga do progresso moral e intelectual. O comunismo visa a uma sociedade em que as classes tenham sido abolidas como resultado da propriedade comum dos meios de produção e distribuição. Ele ensina que somente em uma comunidade solidária e sem classes o homem pode desfrutar de liberdade, paz e bem estar.

Meu objetivo é comparar o comunismo com sua aplicação na Rússia Soviética, mas, ao examinar mais de perto, descobri que essa é uma tarefa impossível. De fato, não existe comunismo na Nem um único princípio comunista, nem um único item de seus ensinamentos está sendo aplicado pelo partido comunista de lá.

Para alguns, essa afirmação pode parecer totalmente falsa; para outros, ela pode parecer muito exagerada. No entanto, tenho certeza de que um exame objetivo das condições da Rússia atual convencerá o leitor sem preconceitos de que falo com toda a verdade.

É necessário considerar aqui, antes de mais nada, a ideia fundamental subjacente ao suposto comunismo dos bolcheviques. Ele é reconhecidamente de um tipo centralizado e autoritário. Ou seja, ele se baseia quase que exclusivamente na coerção governamental, na violência. Não é o comunismo da associação voluntária. É o comunismo compulsório do Estado. É preciso ter isso em mente para entender o método aplicado pelo Estado soviético para executar os planos que parecem ser comunistas.

O primeiro requisito do comunismo é a socialização da terra e do maquinário de produção e distribuição. A terra e o maquinário socializados pertencem ao povo, para serem ocupados e usados por indivíduos ou grupos de acordo com suas necessidades. Na Rússia, a terra e o maquinário não são socializados, mas nacionalizados. O termo é um equívoco, é claro. De fato, ele é totalmente desprovido de conteúdo. Na realidade, não existe riqueza nacional. Uma nação é um termo abstrato demais para "possuir" qualquer coisa. A propriedade pode ser de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos; em qualquer caso, de alguma realidade definida quantitativamente. Quando uma determinada coisa não pertence a um indivíduo ou grupo, ela é nacionalizada ou socializada. Se for nacionalizada, ela pertence ao Estado, ou seja, o governo tem controle sobre ela e pode dispor dela de acordo com seus desejos e opiniões. Mas quando uma coisa é socializada, todo indivíduo tem livre acesso a ela e a utiliza sem interferência de ninguém.

Na Rússia, não há socialização da terra, nem da produção e da distribuição. Tudo é nacionalizado; pertence ao governo, exatamente como os correios nos Estados Unidos ou a ferrovia na Alemanha e em outros países europeus. Não há nada de comunismo nisso.

Não mais comunista do que a terra e os meios de produção é qualquer outra fase da estrutura econômica soviética. Todas as fontes de existência são de propriedade do governo central; o comércio exterior é seu monopólio absoluto; as prensas de impressão pertencem ao estado, e todos os livros e jornais emitidos são publicações do governo. Em suma, o país inteiro e tudo o que há nele é propriedade do Estado, como nos tempos antigos era propriedade da coroa. As poucas coisas que ainda não foram nacionalizadas, como algumas casas velhas em ruínas em Moscou, por exemplo, ou algumas lojinhas sujas com um estoque lamentável de cosméticos, existem apenas por sofrimento, com o governo tendo o direito indiscutível de confiscá-las a qualquer momento por simples decreto.

Essa condição de coisas pode ser chamada de capitalismo de estado, mas seria fantástico considerá-la comunista em qualquer sentido.

II.

Vamos nos voltar agora para a produção e o consumo, as alavancas de toda a existência. Talvez nelas encontremos um grau de comunismo que nos justifique chamar a vida na Rússia de comunista, pelo menos até certo ponto.

Já observei que a terra e o maquinário de produção são de propriedade do Estado. Os métodos de produção e as quantidades a serem fabricadas por cada setor em cada moinho, loja e fábrica são determinados pelo Estado, pelo governo central - por Moscou - por meio de seus vários órgãos.

Agora, a Rússia é um país de grande extensão, cobrindo cerca de um sexto da superfície da Terra. É habitada por uma população mista de 165.000.000 pessoas. Ela é composta por várias repúblicas grandes, de várias raças e nacionalidades, e cada região tem seus próprios interesses e necessidades particulares. Sem dúvida, o planejamento industrial e econômico é vitalmente necessário para o bem-estar de uma comunidade. O verdadeiro comunismo - igualdade econômica entre homem e homem e entre comunidades - exige o melhor e mais eficiente planejamento de cada comunidade, com base em suas necessidades e possibilidades locais. A base desse planejamento deve ser a total liberdade de cada comunidade para produzir de acordo com suas necessidades e dispor de seus produtos de acordo com seu julgamento: para trocar seu excedente com outras comunidades igualmente independentes, sem permissão ou impedimento de qualquer autoridade externa.

Essa é a natureza político-econômica essencial do comunismo. Ele não é viável nem possível em nenhuma outra base. Ele é necessariamente libertário, anarquista.

Não há nenhum vestígio desse comunismo - ou seja, de qualquer comunismo - na Rússia Soviética. De fato, a mera sugestão de tal sistema é considerada criminoso no país, e qualquer tentativa de implementá-lo é punida com a morte.

O planejamento industrial e todos os processos de produção e distribuição estão nas mãos do governo central. O Conselho Econômico Supremo está sujeito apenas à autoridade do Partido Comunista. Ele é totalmente independente da vontade ou dos desejos das pessoas que compõem a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Seu trabalho é dirigido pelas políticas e decisões do Kremlin. Isso explica por que a Rússia Soviética exportou grandes quantidades de trigo e outros grãos enquanto amplas regiões do sul e do sudeste da Rússia foram atingidas pela fome, de modo que mais de dois milhões de pessoas morreram de fome (1932-1933).

Havia "razões de Estado" para isso. O eufônico tem, desde tempos imemoriais, mascarado a tirania, a exploração e a determinação de todo governante em prolongar e perpetuar seu domínio. A propósito, posso mencionar que, apesar da fome em todo o país e da falta das necessidades mais elementares da vida na Rússia, todo o Primeiro Plano Quinquenal tinha como objetivo desenvolver o ramo da indústria pesada que serve, ou pode servir, a propósitos militares.

Assim como na produção, o mesmo ocorre com a distribuição e todas as outras formas de atividade. Não apenas cidades e vilas individuais, mas as partes constituintes da União Soviética são totalmente privadas de existência independente. Politicamente meros vassalos de Moscou, toda a sua atividade econômica, social e cultural é planejada, planejada para eles e impiedosamente controlada pela "ditadura proletária" em Moscou. Mais: a vida de cada localidade, até mesmo de cada indivíduo, nas chamadas repúblicas "socialistas" é administrada nos mínimos detalhes pela "linha geral" estabelecida pelo "centro". Em outras palavras, pelo Comitê Central e pelo Politbureau do Partido, ambos controlados absolutamente por um homem, Stalin. Chamar essa ditadura, essa autocracia pessoal mais poderosa e absoluta do que a de qualquer czar, pelo nome de comunismo me parece o ápice da imbecilidade.

III.

Vejam agora como o "comunismo" bolchevique afeta a vida das massas e do indivíduo.

Há pessoas ingênuas que acreditam que pelo menos algumas características do comunismo foram introduzidas na vida do povo russo. Eu gostaria que isso fosse verdade, pois seria um sinal de esperança, uma promessa de desenvolvimento potencial nessa linha. Mas a verdade é que em nenhuma fase da vida soviética, tanto nas relações sociais quanto nas individuais, houve qualquer tentativa de aplicar os

princípios comunistas de qualquer forma. Como já observei antes, a própria sugestão de um comunismo livre e voluntário é tabu na Rússia e é considerada contrarrevolucionária e uma alta traição contra o infalível Stalin e o sagrado Partido "Comunista".

E aqui não estou falando do comunismo libertário e anarquista. O que eu afirmo é que não há o menor sinal na Rússia Soviética nem mesmo de um comunismo de Estado autoritário. Vamos dar uma olhada nos fatos reais da vida cotidiana de lá.

A essência do comunismo, mesmo do tipo coercitivo, é a ausência de classes sociais. A introdução da igualdade econômica é seu primeiro passo. Essa tem sido a base de todas as filosofias comunistas, por mais que elas possam ter diferido em outros aspectos. O objetivo comum a todas elas era garantir a justiça social, e todas concordavam que isso não era possível sem o estabelecimento da igualdade econômica. Até mesmo Platão, apesar dos estratos intelectuais e morais em sua República, previa a igualdade econômica absoluta, já que as classes dominantes não deveriam desfrutar de mais direitos ou privilégios do que a unidade social mais baixa.

Mesmo correndo o risco de ser condenado por dizer toda a verdade, devo declarar de forma inequívoca e incondicional que o que acontece na Rússia Soviética é exatamente o oposto. O bolchevismo não aboliu as classes na Rússia: ele apenas reverteu sua relação anterior. De fato, ele multiplicou as divisões sociais que existiam antes da Revolução.

Quando cheguei à Rússia Soviética em janeiro de 1920, encontrei inúmeras categorias econômicas, com base nas rações de alimentos recebidas do governo. O marinheiro estava recebendo a melhor ração, superior em qualidade, quantidade e variedade à comida distribuída ao restante da população. Ele era o aristocrata da Revolução: econômica e socialmente, era universalmente considerado como pertencente às novas classes privilegiadas. Depois dele, vinha o soldado, o homem do Exército Vermelho, que recebia uma ração muito menor, até mesmo menos pão. Abaixo do soldado na escala estava o trabalhador das indústrias militares; depois vinham outros trabalhadores, subdivididos em qualificados, artesãos, operários etc. Cada categoria recebia um pouco menos de pão. Cada categoria recebia um pouco menos de pão, gorduras, açúcar, tabaco e outros produtos (quando havia). Os membros da antiga burguesia, oficialmente abolida como classe e expropriada, estavam na última categoria econômica e não recebiam praticamente nada. A maioria deles não conseguia trabalho nem alojamento, e não era da conta de ninguém como eles deveriam viver, para não roubar ou não se juntar aos exércitos contrarrevolucionários e aos bandos de ladrões.

A posse de um cartão vermelho, que comprovava a filiação ao Partido Comunista, colocava a pessoa acima de todas essas categorias. Ela dava direito a uma ração especial, permitia que o proprietário comesse na stolovaya (sala de refeições) do partido e produzia, especialmente se apoiada por recomendações de membros do partido mais graduados, roupas íntimas quentes, botas de couro, um casaco de pele ou outros artigos valiosos. Homens proeminentes do partido tinham suas próprias salas de jantar, às quais os membros comuns não tinham acesso. No Smolny, por exemplo, na época a sede do governo de Petrogrado, havia duas salas de jantar diferentes, uma para os comunistas de alta posição e outra para os menos importantes. Zinoviev, então presidente do Soviete de Petrogrado e virtual autocrata do Distrito Norte, e outros chefes de governo faziam suas refeições em casa, no Astoria, anteriormente o melhor hotel da cidade, transformado na primeira Casa Soviética, onde moravam com suas famílias.

Mais tarde, encontrei a mesma situação em Moscou, Kharkov, Kiev, Odessa - em todos os lugares da Rússia Soviética.

Era o sistema bolchevique de "comunismo". Que efeitos terríveis ele teve ao causar insatisfação, ressentimento e antagonismo em todo o país, resultando em sabotagem industrial e agrária, em greves e revoltas - e assim por diante. Diz-se que nem só de pão vive o homem. É verdade, mas ele não pode viver sem ele. Para o homem comum, para as massas na Rússia, as diferentes rações estabelecidas no país para a libertação do qual haviam sangrado, era o símbolo do novo regime. Para elas, significava a grande mentira do bolchevismo, as promessas não cumpridas de liberdade, pois liberdade significava para elas justiça social e igualdade econômica. O instinto das massas raramente erra; nesse caso, ele se mostrou profético. Não é de se admirar, portanto, que o entusiasmo universal pela Revolução logo se transformou em desilusão e amargura, em oposição e ódio. Quantas vezes os trabalhadores russos se queixaram para mim: "Não nos importamos em trabalhar duro e passar fome. O que nos incomoda é a injustiça. Se o país é pobre, se há pouco pão, então vamos todos compartilhar esse pouco, mas

vamos compartilhar igualmente. Como as coisas estão agora, é a mesma coisa que costumava ser; alguns recebem mais, outros menos e alguns não recebem nada”.

O sistema bolchevique de privilégio e desigualdade não demorou a produzir seus resultados inevitáveis. Ele criou e fomentou antagonismos sociais; afastou as massas da Revolução, paralisou seu interesse e suas energias, derrotando assim todos os objetivos da Revolução.

O mesmo sistema de privilégio e desigualdade, fortalecido e aperfeiçoado, está em vigor atualmente.

A Revolução Russa foi, no sentido mais profundo, um levante social: sua tendência fundamental era libertária, seu objetivo essencial era a igualdade econômica e social. Muito antes dos dias de outubro e novembro (1917), o proletariado da cidade começou a tomar posse dos moinhos, lojas e fábricas, enquanto os camponeses expropriavam as grandes propriedades e transformavam a terra em uso comunitário. O desenvolvimento contínuo da Revolução em sua direção comunista dependia da unidade das forças revolucionárias e da iniciativa direta e criativa das massas trabalhadoras. As pessoas estavam entusiasmadas com o grande objetivo que tinham diante de si; elas aplicavam suas energias com entusiasmo no trabalho de reconstrução social. Somente eles, que durante séculos carregaram os fardos mais pesados, poderiam, por meio de um esforço livre e sistemático, encontrar o caminho para uma sociedade nova e regenerada.

Mas os dogmas bolcheviques e o estatismo ”comunista” provaram ser uma desvantagem fatal para as atividades criativas do povo. A característica fundamental da psicologia bolchevique é a desconfiança em relação às massas. Suas teorias marxistas, que centralizavam todo o poder nas mãos exclusivas do partido, rapidamente resultaram na destruição da cooperação revolucionária e na supressão arbitrária e implacável de todos os outros partidos e movimentos políticos. As táticas bolcheviques englobavam a erradicação sistemática de todos os sinais de insatisfação, sufocavam todas as críticas e esmagavam a opinião independente, a iniciativa e o esforço popular. A ditadura comunista, com sua extrema centralização mecânica, frustrou as atividades econômicas e industriais do país. As grandes massas foram privadas da oportunidade de moldar as políticas da Revolução ou de participar da administração de seus próprios assuntos. Os sindicatos trabalhistas foram governamentalizados e transformados em meros transmissores das ordens do Estado. As cooperativas populares - esse nervo vital de solidariedade ativa e ajuda mútua entre a cidade e o campo - foram liquidadas. Os soviets de camponeses e trabalhadores foram castrados e transformados em comitês obedientes. O governo monopolizou todas as fases da vida. Foi criada uma máquina burocrática, terrível em sua ineficiência, corrupção e brutalidade. A Revolução estava divorciada do povo e, portanto, condenada a perecer; e sobre tudo pairava a temida espada do terrorismo bolchevique.

Esse foi o ”comunismo” dos bolcheviques nos primeiros estágios da revolução. Todos sabem que ele provocou a paralisação completa da indústria, da agricultura e dos transportes. Foi o período do ”comunismo militar”, do recrutamento agrário e industrial, do arrasamento de vilas de camponeses pela artilharia bolchevique - essas políticas sociais e econômicas ”construtivas” do comunismo bolchevique que resultaram na terrível fome de 1921.

IV.

E hoje? Esse ”comunismo” mudou sua natureza? Ele é de fato diferente do ”comunismo” de 1921? Para meu pesar, devo declarar que, apesar de todas as mudanças amplamente divulgadas e das novas políticas econômicas, o ”comunismo” bolchevique é essencialmente o mesmo de 1921. Hoje, o campesinato na Rússia Soviética está totalmente destituído de suas terras. Os sovkhozi são fazendas do governo nas quais o camponês trabalha como empregado, assim como o homem na fábrica. Isso é conhecido como ”industrialização” da agricultura, ”transformando o camponês em um proletário”. No kolkhoz, a terra pertence apenas nominalmente à aldeia. Na verdade, ela é propriedade do governo. Este pode, a qualquer momento - e muitas vezes o faz -, mandar os membros do kolkhoz para trabalhar em outras partes do país ou exilar vilarejos inteiros por desobediência. Os kolkhozi são trabalhados coletivamente, mas o controle do governo sobre eles equivale à expropriação. Ele os tributa a seu bel-prazer; estabelece o preço que quiser pagar pelos grãos e outros produtos, e nem o camponês individual nem o sovieta da aldeia têm voz ativa na questão. Sob a máscara de inúmeras taxas e empréstimos compulsórios do governo, ele

se apropria dos produtos dos kolkhozi e, por algumas ofensas reais ou fingidas, os pune levando todos os seus grãos.

É certo que a terrível fome de 1921 deveu-se principalmente à *razverstka*, a desapropriação impiedosa praticada na época. Foi por causa disso e da rebelião resultante que Lenin decidiu introduzir a NEP, a Nova Política Econômica, que limitava a expropriação estatal e permitia que o camponês se desfizesse de parte de seu excedente para seu próprio benefício. A NEP melhorou imediatamente as condições econômicas em todo o país. A fome de 1932-1933 foi causada por métodos "comunistas" semelhantes aos dos bolcheviques: a coletivização forçada.

O resultado foi o mesmo de 1921. Isso obrigou Stalin a revisar um pouco sua política. Ele percebeu que o bem-estar de um país, especialmente de um país predominantemente agrícola como a Rússia, depende principalmente do campesinato. O lema foi proclamado: o camponês deve ter a oportunidade de obter maior "bem-estar". Essa "nova" política é, sem dúvida, apenas um respiro para o camponês. Ela não tem mais de comunismo do que as políticas agrárias anteriores. Desde o início do governo bolchevique até hoje, não tem sido nada além de expropriação de uma forma ou de outra, de vez em quando diferindo em grau, mas sempre a mesma em espécie - um processo contínuo de roubo estatal do campesinato, de proibições, violência, chicana e represálias, exatamente como nos piores dias do czarismo e da Guerra Mundial. A política atual é apenas uma variação do "comunismo militar" de 1920-1921, com mais elementos militares e menos elementos comunistas. Sua "igualdade" é a de uma penitenciária; sua "liberdade", a de uma gangue. Não é de se admirar que os bolcheviques declarem que a liberdade é um preconceito burguês.

Os apologistas soviéticos insistem que o antigo "comunismo militar" foi justificado no período inicial da Revolução, nos dias do bloqueio e das frentes militares. Mas mais de dezesseis anos se passaram desde então. Não há mais bloqueios, não há mais frentes de combate, não há mais contrarrevolução. A Rússia Soviética garantiu o reconhecimento de todos os grandes governos do mundo. Ela enfatiza sua boa vontade para com os Estados burgueses, solicita sua cooperação e está fazendo grandes negócios com eles. De fato, o governo soviético mantém termos de amizade até mesmo com Mussolini e Hitler, os famosos campeões da liberdade. Ele está ajudando o capitalismo a enfrentar suas tempestades econômicas, comprando produtos no valor de milhões de dólares e abrindo novos mercados para ele.

Isso é, em linhas gerais, o que a Rússia Soviética realizou durante os dezessete anos desde a Revolução. Mas quanto ao comunismo, isso é outra questão. Com relação a isso, o governo bolchevique seguiu exatamente o mesmo curso de antes, e ainda pior. Ele fez algumas mudanças superficiais em termos políticos e econômicos, mas, fundamentalmente, permaneceu exatamente o mesmo estado, baseado no mesmo princípio de violência e coerção e usando os mesmos métodos de tenor e compulsão do período de 1920-1921.

Há mais classes na Rússia Soviética hoje do que em 1917, mais do que na maioria dos outros países do mundo. Os bolcheviques criaram uma vasta burocracia soviética, com privilégios especiais e autoridade quase ilimitada sobre as massas, industriais e agrícolas. Acima dessa burocracia está a classe ainda mais privilegiada de "camaradas responsáveis", a nova aristocracia soviética. A classe industrial é dividida e subdividida em várias gradações. Há os *udarniki*, as tropas de choque do trabalho, com direito a vários privilégios; os "especialistas", os artesãos, os trabalhadores comuns e os operários. Há as "células" da fábrica, os comitês de loja, os pioneiros, os *komsomoltsi*, os membros do partido, todos desfrutando de vantagens materiais e autoridade. Há a grande classe de *lishentsi*, pessoas privadas de direitos civis, a maior parte delas também sem chance de trabalhar, sem o direito de morar em determinados lugares, praticamente isoladas de todos os meios de existência. O notório "pálido" dos tempos czaristas, que proibia os judeus de viver em certas partes do país, foi revivido para toda a população com a introdução do novo sistema de passaporte soviético. Acima de todas essas classes está a temida G.P.U., secreta, poderosa e arbitrária, um governo dentro do governo. A G.P.U., por sua vez, tem suas próprias divisões de classe. Ela tem suas próprias forças armadas, seus próprios estabelecimentos comerciais e industriais, suas próprias leis e regulamentações e um vasto exército de escravos de trabalho condenado. Sim, até mesmo nas prisões e campos de concentração soviéticos há várias classes com privilégios especiais.

No campo da indústria, prevalece o mesmo tipo de "comunismo" que na agricultura. Um sistema soviético de Taylor está em voga em toda a Rússia, combinando um padrão mínimo de produção e trabalho por peça - o mais alto grau de exploração e degradação humana, envolvendo também diferenças

infinitas em salários e remunerações. O pagamento é feito em dinheiro, em rações, em taxas reduzidas de aluguel, luz, etc., sem falar nas recompensas e prêmios especiais para os udarniki. Em suma, é o sistema salarial que está em operação na Rússia.

É preciso enfatizar que um arranjo econômico baseado no sistema de salários não pode ser considerado de forma alguma relacionado ao comunismo? Ele é sua antítese.

V.

Todas essas características podem ser encontradas no atual sistema soviético. É uma ingenuidade imperdoável, ou uma hipocrisia ainda mais imperdoável, fingir - como fazem os apologistas bolcheviques - que o serviço de trabalho obrigatório na Rússia é "a auto organização das massas para fins de produção".

É estranho dizer que conheci pessoas aparentemente inteligentes que afirmam que, com esses métodos, os bolcheviques "estão construindo o comunismo". Aparentemente, elas acreditam que a construção consiste na destruição impiedosa, física e moral, dos melhores valores da humanidade. Há outros que fingem pensar que o caminho para a liberdade e a cooperação passa pela escravidão do trabalho e pela supressão intelectual. Segundo eles, instilar o veneno do ódio e da inveja, da espionagem universal e do terror, é a melhor preparação para a masculinidade e o espírito fraterno do comunismo.

Não acho que seja assim. Acho que não há nada mais pernicioso do que degradar um ser humano em uma engrenagem de uma máquina sem alma, transformá-lo em um servo, em um espião ou na vítima de um espião. Não há nada mais corruptor do que a escravidão e o despotismo.

Há uma psicologia do absolutismo político e da ditadura, comum a todas as formas: os meios e métodos usados para atingir um determinado fim, com o passar do tempo, tornam-se eles mesmos o fim. O ideal do comunismo, do socialismo, há muito tempo deixou de inspirar os líderes bolcheviques como classe. O poder e o fortalecimento do poder se tornaram seu único objetivo. Mas a sujeição abjeta, a exploração e a degradação também estão desenvolvendo uma nova psicologia na grande massa do povo.

A geração jovem da Rússia é o produto dos princípios e métodos bolcheviques. É o resultado de dezesseis anos de opiniões oficiais, as únicas opiniões permitidas no país. Tendo crescido sob o monopólio mortal de ideias e valores, a juventude da URSS não sabe quase nada sobre a própria Rússia. Muito menos sabe sobre o mundo exterior. Ela é formada por fanáticos cegos, estreitos e intolerantes, carece de toda percepção ética, é desprovida de senso de justiça e equidade. A esse elemento se soma uma classe de alpinistas e carreiristas, de buscadores de si mesmos criados com base no dogma bolchevique: "Os fins justificam os meios". No entanto, seria errado negar as exceções nas fileiras da juventude russa. Há um bom número deles que é profundamente sincero, heroico e idealista. Eles veem e sentem a força dos ideais do partido professados em voz alta. Eles percebem a traição das massas. Eles sofrem profundamente com o cinismo e a insensibilidade em relação a todas as emoções humanas. A presença de komsomolszi nas prisões políticas soviéticas, nos campos de concentração e no exílio, e as fugas sob as mais difíceis dificuldades, provam que a geração jovem não consiste inteiramente de adeptos acovardados. Não, nem toda a juventude russa foi transformada em fantoches, fanáticos obcecados ou adoradores do santuário de Stalin e do túmulo de Lênin.

A ditadura já se tornou uma necessidade absoluta para a continuidade do regime. Pois onde há classes e desigualdade social, o Estado precisa recorrer à força e à repressão. A crueldade de tal situação é sempre proporcional à amargura e ao ressentimento das massas. É por isso que há mais terrorismo governamental na Rússia Soviética do que em qualquer outro lugar do mundo civilizado atualmente, pois Stalin precisa conquistar e escravizar um campesinato obstinado de cem milhões de pessoas. É o ódio popular ao regime que explica a estupenda sabotagem industrial na Rússia, a desorganização do transporte após dezesseis anos de administração militar virtual; a terrível fome no sul e no sudeste, apesar das condições naturais favoráveis e das medidas mais severas para obrigar os camponeses a semear e colher, apesar até mesmo do extermínio em massa e da deportação de mais de um milhão de camponeses para campos de trabalho forçado.

A ditadura bolchevique é um absolutismo que precisa se tornar cada vez mais implacável para sobreviver, exigindo a supressão completa de opiniões e críticas independentes dentro do partido, mesmo em seus círculos mais altos e exclusivos. É uma característica significativa dessa situação o fato de o

bolchevismo oficial e seus agentes pagos e não pagos estarem constantemente assegurando ao mundo que "tudo está bem na Rússia Soviética e melhorando". É da mesma qualidade que a ênfase constante de Hitler sobre o quanto ele ama a paz enquanto está aumentando febrilmente sua força militar.

Longe de melhorar, a ditadura está se tornando cada dia mais implacável. O último decreto contra os chamados contrarrevolucionários, ou traidores do Estado soviético, deve convencer até mesmo alguns dos mais fervorosos apologistas das maravilhas realizadas na Rússia. O decreto acrescenta força às leis já existentes contra todos que não podem ou não querem reverenciar a infalibilidade da santíssima trindade, Marx, Lênin e Stálin. E é mais drástico e cruel em seus efeitos sobre todos os considerados culpados. Para ter certeza, os reféns não são novidade na URSS. Eles já faziam parte do terror quando cheguei à Rússia. Peter Kropotkin e Vera Figner haviam protestado em vão contra essa mancha negra no brasão da Revolução Russa. Agora, após dezessete anos de governo bolchevique, um novo decreto foi considerado necessário. Ele não apenas revive a tomada de reféns, mas também visa a uma punição cruel para cada membro adulto da família do infrator real ou imaginário. O novo decreto define traição ao Estado como "quaisquer atos cometidos por cidadãos da R.S.S.U. que prejudiquem as forças militares da R.S.U., sua independência ou a inviolabilidade de seu território, como espionagem, traição de segredos militares ou de Estado, passar para o lado do inimigo, fugir para um país estrangeiro ou voar [desta vez a palavra usada significa voo de avião] para um país estrangeiro."

Os traidores, é claro, sempre foram fuzilados. O que torna o novo decreto mais aterrorizante é a punição implacável que ele exige para todos que convivem com a infeliz vítima ou a apoiam, quer saibam do crime ou não. Ele pode ser preso, exilado ou até mesmo fuzilado. Pode perder seus direitos civis e pode perder tudo o que possui. Em outras palavras, o novo decreto valoriza os informantes que, para salvar a própria pele, se insinuarão para a G.P.U. e prontamente entregarão os infelizes parentes dos infratores aos capangas soviéticos.

Esse novo decreto deve acabar para sempre com qualquer dúvida remanescente sobre a existência do verdadeiro comunismo na Rússia. Ele se afasta até mesmo da pretensão de internacionalismo e do interesse da classe proletária. A antiga melodia agora é transformada em uma canção de louvor à pátria, com a sempre servil imprensa soviética fazendo o coro mais alto:

"A defesa da pátria é a lei suprema da vida, e aquele que levanta a mão contra a pátria, que a trai, deve ser destruído."

A Rússia Soviética, agora deve ser óbvio, é um despotismo absoluto em termos políticos e a forma mais grosseira de capitalismo de estado em termos econômicos.

Biblioteca Anarquista



Emma Goldman
Não há comunismo na Rússia
1935

Traduzido de
<https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-there-is-no-communism-in-russia>
Traduzido por Contraciv. Título original: There Is No Communism in Russia. Escrito em inglês em 1934 com o título "Communism: Bolshevist and Anarchist, A Comparison", o texto "There is No Communism in Russia" foi publicado no The American Mercury, vol. XXXIV, em abril de 1935. O editor fez uma versão truncada do texto original, gerando a insatisfação de Emma Goldman. Mas o artigo original parece agora impossível de ser encontrado.

bibliotecaanarquista.org